

## **É tempo de cerrar fileiras**

É com compreensível apreensão que assistimos ao crescimento do número de infetados pelo vírus Covid-19. Aumento de casos que, como não poderia deixar de ser, tem reflexo no número de internados em regime de enfermaria e de cuidados intensivos nos hospitais do SNS. O problema está em que, ao invés de encararmos este facto como expectável face à natureza do agente infetante e do que sucede em países vizinhos, cerrando fileiras no combate ao vírus, procuramos responsáveis pelo recrudescimento do surto infeccioso.

Esquecemos rapidamente o que nos foi dito por especialistas e autoridades de saúde: o confinamento tinha como objetivo achatando a curva infecciosa dando tempo a que o SNS se preparasse para receber e tratar o previsível recrudescimento da infeção e de casos graves com o retorno à normalidade social. Sendo certo que os mais otimistas admitiram a possibilidade deste coronavírus se extinguir à semelhança de congéneres anteriores, tudo indica que vamos ter de lidar durante algum tempo com um vírus para o qual ainda não temos profilaxia vacinal. A boa notícia é que há hoje meios suficientes para nos protegermos de um agente infeccioso que se transmite essencialmente por contacto próximo e desprotegido com alguém que está infetado, à semelhança do que sucede com outros vírus respiratórios.

Sem baixar a guarda, o medo desproporcional que se instalou na sociedade atingindo-nos a todos, profissionais de saúde incluídos, tem de ser combatido. Sem isso não conseguiremos dar resposta às necessidades em cuidados de saúde que esta e outras doenças requerem. Ser-se submetido a teste de infeção quando há necessidade de internamento ou entrar num serviço de saúde com máscara cirúrgica e atendido por profissionais também protegidos, minimiza o risco de contágio seja o serviço público ou privado.

Atingimos hoje, dia 10 de outubro, o maior número de infetados conhecidos num só dia desde o início da pandemia. Alguns serviços de saúde começam a sentir a pressão do esforço exigido para lidar com um novo surto infeccioso cuja intensidade e duração no tempo se desconhecem. Sabemos, contudo, estar melhor preparados para acolher e tratar os casos mais graves; que os hospitais de campanha instalados durante a primeira vaga para acolher doentes em convalescença, sem apoio domiciliário ou formas menos graves de infeção, podem ser reativados se necessário; que há profissionais em fase formativa ou reformados, disponíveis para, se for caso disso, ajudarem num combate que teima em não dar tréguas.

Vivemos tempos difíceis, mas não desesperemos. A grande maioria dos profissionais de saúde sabe que é tempo de cerrar fileiras e, sem se abdicar da crítica construtiva, continuaremos unidos para fazer face a um pequeno inimigo que teima em ser grande.

Jorge Almeida

Cardiologista no Hospital São João